

O imperialismo da *french theory* (sobre um certo Jean Baudrillard)

■ JUREMIR MACHADO DA SILVA *

RESUMO

Este texto é um ensaio. Mais exatamente uma crônica intelectual cujo objetivo é meramente provocativo. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma homenagem a Jean Baudrillard e ao “pensamento francês” e de uma crítica ao positivismo reinante em certos domínios da pesquisa em comunicação no Brasil, assim como de uma defesa da livre argumentação em relação aos procedimentos de legitimação por autores.

Palavras-chave: imaginário, *french theory*, Jean Baudrillard, cultura, teoria da comunicação.

ABSTRACT¹

This text is an essay. More precisely, an intellectual chronicle which objective is merely provocative. It portrays, at the same time, a homage to Jean Baudrillard and to the “French thought” and a criticism to the prevailing Positivism within some research fields on Communication in Brazil, as well as a defense of free argumentation related to the probating procedures by authors.

Key words: imaginary; French theory; Jean Baudrillard; culture; communication theory.

* Jornalista, escritor, tradutor e doutor em Sociologia pela Sorbonne, Paris V, é pesquisador 1B do CNPq, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS e autor, entre outros livros, de *As Tecnologias do imaginário* (Porto Alegre, Sulina, 2003) e *Getúlio* (Rio de Janeiro, Record, 2004).

1. Traduzido por RAFAEL YAMADA para a versão *on line* de MATRIZES.

O PENSAMENTO FRANCÊS DOMINA o mundo. Especialmente o mundo universitário norte-americano. Por conseqüência e contaminação, ninguém escapa da influência francesa. Tornou-se comum, porém, entre pesquisadores brasileiros dizer que o essencial da pesquisa em ciências humanas, inclusive em comunicação, é feita nos Estados Unidos e que só se pode teorizar em inglês. Os brasileiros, portanto, em princípio, lêem e valorizam os norte-americanos. Já os norte-americanos lêem e valorizam os franceses. Disso resulta uma primeira conseqüência trágica para os brasileiros: estamos sofrendo influência de segunda mão. Nunca fomos muito originais. Agora, para piorar a situação, já não bebemos nas fontes originais. Moda ou ideologia?

Houve um tempo, porém, em que era comum ler e citar diretamente os *maîtres-à-penser* parisienses. Poucos professores e pesquisadores mantêm essa tradição «nefasta». No resto do país, a tendência é enterrar o «mau humor» francês contra a «indústria cultural» ou contra a «sociedade do espetáculo» em nome de critérios de cientificidade e de pesquisa rigorosa. A morte de Jean Baudrillard, em março de 2006, reacendeu a polêmica sobre a (ir)relevância do pensamento francês e sobre os significados da palavra «científico». O que é mesmo científico? Na melhor das hipóteses, uma argumentação racional e sem contradições. Dificilmente uma verdade definitivamente demonstrada. Baudrillard era visto como uma *star* dos *french intellos* nas universidades dos Estados Unidos. Deixou saudades. Prova disso são as homenagens a ele que não cessam na «América». Por que então há uma crescente resistência ao pensamento francês no Brasil envolvido com pesquisa acadêmica? Terá isso algo a ver com a morte de certas ilusões epistemológicas?

Se a própria França artística e intelectual se encanta com Paul Auster, James Ellroy e Philip Dick, os Estados Unidos, segundo Thierry Bardini, de Montreal, preferem Baudrillard¹, um homem de origem modesta que se tornou uma estrela da academia. Alguém poderá alegar que uma revista francesa só pode querer valorizar a importância de um francês nos Estados Unidos. Contra isso basta dizer que entre os teóricos mais citados e mais influentes nos Estados Unidos ainda estão Jacques Derrida, Michel Foucault, Jean Baudrillard e Jean-François Lyotard. O multiculturalismo deve praticamente tudo às idéias de Derrida. A ruptura com o marasmo acadêmico e com os dogmas marxistas é devedora de Lyotard e de Baudrillard. Mas o essencial em Baudrillard é a ampliação das possibilidades do discurso intelectual. Graças a ele a ironia entrou em cena, embora muitos ainda acreditem numa tal de cientificidade que seria marcada pela objetividade total.

Talvez a questão essencial seja bastante simples: o que é pesquisar? Os inimigos do ensaísmo juram que pesquisar é levantar dados. Algo como fazer

1. Sobre isso a revista francesa *Le Nouvel Observateur* publicou uma excelente matéria: "Cool prophète, l'hommage américain à Baudrillard". Paris, edição 2228, 19 a 25 de julho, pp. 84-85.

etnografia em qualquer campo. Paradoxalmente todas essas «pesquisas» recorrem a um arcabouço teórico. Ou seja, abrigam-se sob um guarda-chuva ensaístico. Buscam num outro discurso uma explicação para os elementos que recolhem. Toda dissertação e tese recorre a um procedimento de legitimação por citação de autores. Em geral, ensaístas, a exemplo de Jacques Derrida, Jean Baudrillard, Michel Foucault, Michel Maffesoli, Pierre Bourdieu, Charles Peirce, Theodor Adorno ou qualquer outro de qualquer época ou lugar. Não é normalmente o melhor argumento que prevalece. Mas a melhor citação. Isso tudo são exercícios de legitimação pela autoridade do discurso citado. É puro cartorialismo.

Não se trata de inventariar aquilo que já foi dito sobre tudo e de estabelecer um diálogo com vistas à superação de hipóteses duvidosas, mas simplesmente de certificação pela autoridade citada. Nesse sentido, o positivismo domina e causa imensos estragos com seu apego à falta de originalidade e com sua interdição à autonomia argumentativa. Vale mais «quem diz» algo, não «o que se diz» sobre alguma coisa. Há quem imagine que não existe rigor acadêmico sem notas de rodapé explicativas ou legitimadoras. Tudo isso remete a «efeitos de assinatura», efeitos de erudição, efeitos de certificação, efeitos de legitimação e efeitos de validação acadêmica exteriores à lógica do melhor argumento. Baudrillard zombava disso.

Os adversários do pensamento francês têm razão em se preocupar: a influência francesa continua impressionante. Os prejuízos epistemológicos são incalculáveis para o avanço do positivismo. Seria preciso proteger os Estados Unidos dessa contaminação nociva. Por enquanto, nossos pesquisadores trabalham a partir de uma divisão de classes anacrônica: os operários levantam os dados empíricos; as elites teorizam. O resultado é uma contradição nunca explicitada: dados sempre analisados com teorias alheias. Ou teorias alheias aplicadas como grades interpretativas ao «real». Na prática, a maioria das pesquisas peca por artificialidade absoluta e limita-se a verificar se um certo naco de «realidade» encaixa-se numa teoria escolhida prévia ou aleatoriamente. O maior paradoxo consiste em que os críticos do ensaísmo acabam por trabalhar duramente para a comprovação das intuições mais abstratas dos ensaístas.

Outra corrente faz o contrário: recusa-se a ter qualquer contato com o vivido. É o pesquisador que define as condições de vida de um manicômio sem jamais ter pisado num hospital psiquiátrico. Esse tipo de postura tem a vantagem de não invalidar as melhores idéias com as piores manifestações do existente. Se os empiristas só juram pelo dado concreto, ficando livres da desagradável obrigação de ter idéias próprias, os teóricos odeiam o contingente

P

O imperialismo da *french theory* (sobre um certo Jean Baudrillard)

e continuam a produzir sistemas independentes de qualquer referência. Alguns, sem dúvida, acabam produzindo boa literatura de ficção teórica como um subgênero do romance de idéias, embora as idéias sejam emprestadas. Outros, bem entendido, limitam-se a glosar ao infinito as mesmas citações, o que lhes permite falar todo tempo em perfeito conhecimento de causa, mas sem quaisquer conseqüências.

A *french theory* bombardeia os dois lados dessa guerra inútil. Não acredita na cientificidade das ciências, especialmente das humanidades, e não vê na simples coleta de dados mais do que um empreendimento jornalístico. Para Jean Baudrillard tudo era opinião. Uma teoria, em princípio, impõe-se mais pela sua inventividade, pela sua capacidade de gerar novos termos ou conceitos, pela sua originalidade, pela sua força inovadora ou pela sua criatividade. Baudrillard recusava-se ao jogo das notas de rodapé. Queria pensar por conta própria, livre, radicalmente livre. Não se deixava amarrar pelas ilusões de uma verificação impossível. Qual o melhor sistema de governo? Nenhuma resposta será científica do ponto de vista positivista. Por que as pessoas vêem o *Big Brother*? Nenhuma hipótese será comprovada. O pensamento é hipotético, probabilístico e sempre contraditório. Se isso é verdade, há uma verdade. Mas o limite dessa verdade lógica é evidente e não serve para caucionar outras verdades do vivido. Por exemplo: qual o melhor sistema de governo?

Pesquisar significa produzir conhecimento. Todos os caminhos são bons para gerar saber: ensaios, relatórios de pesquisa, métodos quantitativos, qualitativos, intuições, fórmulas, crônicas argumentadas, transdisciplinaridade, interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, cruzamento de teorias, articulação de autores contraditórios, hipóteses *ad hoc*, tudo, enfim, que produza efervescência cerebral e resulte em novas visões de mundo ou em novos olhares sobre um mundo em discussão e construção permanente. Precisamos de uma espécie de ensaísmo menor, a crônica intelectual, no melhor estilo de Jean Baudrillard, associando erudição, senso de observação, inteligência, jogos de linguagem e capacidade de «descobrir». Pensar e pesquisar é «des-cobrir» mesmo, ou principalmente, aquilo que está na superfície do vivido. Pesquisar é produzir estranhamento.

Baudrillard não diz que tudo é relativo. Seria simples demais. Fácil demais. Sem reversão possível. Sugere que a prova das provas raramente é feita. Existe mesmo um «pensamento francês» ou um «pensamento americano»? Claro que não. Que unidade se poderia encontrar na diversidade que caracteriza a totalidade dos pensadores de um país? Qual a relação entre Pierre Bourdieu e Jean Baudrillard? A unidade é sempre uma construção *a posteriori*, uma facilidade pedagógica reducionista e perigosa, mas inevitável. *Il faut faire avec.*

Cada sociedade escolhe os seus mecanismos unificadores. Quando Baudrillard morreu, os telejornais ocidentais anunciaram a morte do homem que havia inspirado o filme *Matrix*. Era uma inversão de valores. *Matrix* como fiador da importância de Baudrillard. O espetáculo como caução intelectual. A «indústria cultural» como garantia ou lastro de um valor filosófico. Era também um sintoma: o rastro dos poucos conhecimentos da mídia sobre o universo bizarro dos intelectuais. Para noticiar a morte de um pensador marginal, embora célebre, a mídia precisava de um «atrator» qualquer. Evidentemente que só poderia ser um «atrator estranho». Um «atrator radical».

A luta contra o pensamento francês terá de se acirrar e lançar mão de novos métodos. Em contrário, os *french intellos* continuarão como invasores bárbaros entrincheirados nos *campus* das elites da América. Por enquanto, Baudrillard e os seus compatriotas niilistas são um enorme Vietnã incrustado em território norte-americano. O pior de tudo é que os norte-americanos não esboçam a menor resistência. Há até mesmo um processo de adesão, de «servidão voluntária», de cumplicidade com o invasor. Passou-se da manipulação à sedução, da rejeição à indiferença, da resistência ativa ao jogo passivo da aceitação. Trata-se, de certa forma, de um efeito que só pode ser diagnosticado como «síndrome de Estocolmo». A defesa dos valores norte-americanos tem sido feita fora do país pelos colonizados mais realistas que o rei. Faz sentido. Afinal de contas, alguém precisa acreditar na ideologia da metrópole quando ela mesma já foi engolida por um processo de simulação virótico e irreversível. Tudo isso, claro, não passa de uma hipótese de radicalidade média. Os *french intellos* sairão dos Estados Unidos assim que os norte-americanos instalarem a democracia no Iraque.

Segundo a escritora Chris Kraus, de Los Angeles, “Baudrillard era como William S. Burroughs no fim da sua vida – uma dessas raras figuras públicas cuja presença veicula uma promessa de felicidade para além de todo conteúdo literal”. Já Tim Griffin, editor-chefe da revista *Artforum International*, é ainda mais claro: as intuições de Baudrillard são fundamentais para pensar e pesquisar os mecanismos da cultura de massa e da sua vasta circulação de imagens em reprodução”. Nesse sentido, Jean Baudrillard, o cronista francês sem notas de rodapé, foi o maior teórico da comunicação hiper-moderna, da comunicação hiper-real, da comunicação como um sistema de objetos sem objeto nem objetivo. Sem muitas citações nem pesquisa de campo, viu mais e melhor do que muitos investigadores armados de grande-angulares. Como sempre, Baudrillard inverteu a lógica: em lugar de analisar dados próprios com teorias alheias, analisou dados alheios com teorias próprias.

O imperialismo da *french theory* continua.

2. Sobre os depoimentos de mais de vinte norte-americanos sobre Jean Baudrillard, ver a edição citada da *Le Nouvel Observateur*: “Cool prophète, l’hommage américain à Baudrillard”. Paris, edição 2228, 19 a 25 de julho, pp. 84-85.

P

O imperialismo da *french theory* (sobre um certo Jean Baudrillard)

PARA LER JEAN BAUDRILLARD NO ORIGINAL:

- Le système des objets*. Paris: Gallimard, 1968
La société de consommation. Paris: Denoël, 1970.
Pour une critique de l'économie politique du signe. Paris: Gallimard, 1972.
L'échange symbolique et la mort. Paris: Gallimard, 1976.
Oublier Foucault. Paris: Galilée, 1977.
L'effet Beaubourg. Paris: Galilée, 1977.
À l'ombre des majorités silencieuses. Paris: Denoël, 1978.
Le PC ou les paradis artificiels du politique. Paris: Cahiers de l'Utopie, 1978.
De la séduction. Paris: Galilée, 1979.
Simulacres et simulation. Paris: Galilée, 1981.
Les stratégies fatales. Paris: Grasset, 1983.
La gauche divine. Paris: Grasset, 1984.
Le miroir de la production. Paris: Galilée, 1985.
Amérique. Paris: Grasset, 1986.
L'Autre par lui même. Habilitation. Paris: Galilée, 1987.
Cool memories I. Paris: Galilée, 1987.
Cool memories II. Paris: Galilée, 1990.
La transparence du mal. Paris: Galilée, 1990.
La guerre du Golf n'a pas eu lieu. Paris: Galilée, 1991.
L'illusion de la fin. Paris: Galilée, 1992.
Le crime parfait. Paris: Galilée, 1994.
Fragments. Cool memories III. Paris: Galilée, 1995.
Écran total. Paris: Galilée, 1997.
L'échange impossible. Paris: Galilée, 1999.
Cool memories IV. Paris: Galilée, 2000.
Mots de passe. Paris: Pauvert, 2000.
Télémorphose. Paris: Sens & Tonka, 2001
L'esprit du terrorisme. Paris: Galilée, 2002.
Power inferno. Paris: Galilée, 2002.
La pensée radicale. Paris: Sens & Tonka, 2004.
Le pacte de lucidité ou l'intelligence du mal. Paris: Galilée, 2004.
Cool memories V. Paris: Galilée, 2005.
Oublier Artaud. Paris: Sens & Tonka, 2005.
Le complot de l'art et compagnie. Paris: Sens & Tonka, 2005.
A propos de l'utopie. Paris: Sens & Tonka, 2005.
À l'ombre du millénaire ou le suspense de l'an 2000. Paris: Sens & Tonka, 2005.

Entretiens

Le paroxyste indifférent (avec Philippe Petit). Paris: Grasset, 1997.

D'un fragment à l'autre (avec François L'Yvonnet). Paris: Albin Michel, 2001.

Em colaboração

Figures d'altérité (avec Marc Guillaume). Paris: Descartes et C., 1994.

Les objets singuliers (avec Jean Nouvel). Paris: Calmann-Lévy, 2000.

Les exilés du dialogue (avec Enrique Valient Noailles). Paris: Galilée, 2005.

